



PASSAPORTE, POR FAVOR



PATRICIA PEPPER

VOLUME 1
O VOO DA FÊNIX

LONDRES 2020



VISTO À VISTA LTD



CAPÍTULO 1

A Casa da Rainha, o Relógio e a Rua dos Beatles



Uma das grandes vantagens de estar de plantão no primeiro horário da escala do dia, durante o verão, era ter a oportunidade de ver o nascer do sol. Já na estrada, com o piloto automático ligado, Têmis seguia para o aeroporto. Aquela aurora trazia a vívida memória do mar azul do Leme, dos vendedores ambulantes oferecendo biscoito de polvilho Globo e Matte Leão, da sensação do corpo salgado depois de um dia ensolarado de praia e, acima de tudo, do sentimento daquela atmosfera tão familiar, que estava, naquele momento, muito longe de sua realidade atual. Agora, vestindo um uniforme de oficial de imigração e com orgulho de ter chegado até ali, ela seguia para seu primeiro dia de trabalho. As longas seis semanas de treinamento tinham acabado e as encenações com atores durante o curso preparatório de oficiais se passariam, a partir de agora, no palco da vida real e sem personagens.

— Bom dia. Eu serei seu supervisor e mentor pelas próximas semanas – disse Balder. – Vamos nos apressar, pois o primeiro voo deste plantão está prestes a aterrissar.

Tudo parecia bem calmo naquele momento. Três oficiais tomavam seus assentos em pontos fixos onde passariam a próxima hora. O chefe de imigração de plantão já tinha tomado seu posto no “aquário”, uma espécie de sala de controle, de onde tudo e



todos eram observados, e onde decisões, por muitas vezes extremamente difíceis, eram tomadas.

- Há quanto tempo você trabalha na área e por que decidiu vir para o aeroporto? – perguntou Balder.
- Entrei para a imigração exercendo a função de auxiliar de vistos há quatro anos, mas achei o trabalho monótono. Afinal de contas, qual a graça em trabalhar com papéis e documentos apenas, não é mesmo? – indagou Têmis. – Depois de um tempo, o processo passa a ser automático. Precisava de mais desafios e, trabalhando aqui com clientes, penso que faria toda a diferença. Imagino que todas as dúvidas acerca do processo possam ser esclarecidas diretamente com os passageiros, em vez de enviarmos cartas para eles solicitando documentos, que era o procedimento adotado durante a consideração de um pedido de visto enviado eletronicamente ou pelo correio.
- Com certeza! – concordou Balder. – Afinal, qual o propósito de recusarmos um passageiro à distância? E, em tempo, não lidamos com clientes aqui. Não prestamos um serviço para eles, mas para o governo britânico! Olhe para o controle de chegada de passageiros. O que você vê?
- Passageiros chegando de férias, vindo a



negócios, visitando familiares – respondeu Têmis com um sorriso nervoso.

- Todos aqui são mentirosos, até que se prove o contrário! – disse Balder, agora com uma expressão mais séria. – Você vê aquele passageiro lá no final do salão? Olhe, ele está preenchendo o cartão de chegada. Observe o comportamento dele. Aquele passageiro será sua primeira recusa, não é animador?
- Como assim, Balder? – retrucou Têmis. – O rapaz não fez nada de errado. Ah, eu não vou recusar a entrada de ninguém sem motivos, hein.
- Não fez nada de errado... ainda! – discordou Balder. – Fique tranquila, não recusamos ninguém sem motivos aqui. Você aprenderá que o diabo mora nos detalhes. Nessa profissão, verá que coisas pequenas fazem toda a diferença. Veja este caso, por exemplo: o passageiro em questão já jogou pelo menos meia dúzia de cartões de chegada na lixeira. Para pessoas “normais”, isso não significaria nada, mas não para nós, ratos da imigração. Ele está nervoso. Espere um momento, não saia daí.

Naquela hora, tudo o que Têmis conseguia pensar era no conforto das decisões que costumava tomar anteriormente, à distância, e sem sofrimento. Se ela recusasse um pedido de visto, aquela pessoa pode-



ria enviar outro, ou recorrer da decisão. Mas e ali? E ali? A área de controle estava agora tomada por passageiros. Os oficiais em suas posições batendo seus carimbos freneticamente, alguns interrogando passageiros, outros aguardando pela assistência de um intérprete que possibilitasse a comunicação entre eles. Enfileiradas, aquelas pessoas traziam em suas bagagens sonhos, desejos, ambições, uma esperança por dias melhores longe de seus países de origem, distantes do lugar que um dia chamaram de lar.

— Aqui está – disse Balder com um ar de satisfação, trazendo o passageiro até a mesa de Têmis. – Fale com ele logo em português, ele não sabe falar inglês mesmo.

— Qual o propósito de sua viagem? – indagou Têmis, olhando para Balder e não concordando muito com a afirmação que ele acabara de fazer.

— Não falo inglês – disse o passageiro.

Balder esboçou um sorrisinho no canto da boca, mas não disse nada.

— Qual o propósito de sua viagem, rapaz? – perguntou Têmis educadamente, agora em português, enquanto examinava o passaporte dele.

— Passear – respondeu ele. – Que legal, você fala português.

Ao verificar o passaporte do passageiro no sistema de controle de imigração e fronteiras, Têmis no-





tou que ele tinha um histórico de imigração adverso. Isso poderia significar muitas coisas, mas, naquele caso, salientava que o rapaz diante daquela oficial de imigração havia tido problemas com uma solicitação de visto anteriormente.

— Pergunta logo a ele se já teve algum visto recusado no passado – disse Balder impaciente, enquanto acabava de ler a mensagem de aviso no sistema. – Você quer apostar que ele vai negar jurando de pés juntos que não sabe do que se trata?

A mensagem dizia que o passageiro tivera uma solicitação de visto de estudante recusada há menos de um mês. Ele, entretanto, não viajava mais com o mesmo passaporte que tinha utilizado no pedido anterior, pois não havia nenhum indício de registro de visto no documento de viagem apresentado por ele. Era costumeiro o oficial escrever à mão o número do pedido de visto na última página do passaporte do requerente e, se o pedido tivesse sido recusado, esse número viria sublinhado.

— Não é possível, Balder – disse Têmis. Ela olhou para o passageiro e continuou com o interrogatório inicial: – Você já teve algum problema em alguma solicitação de vistos para o Reino Unido ou qualquer outro país? – perguntou a oficial ao passageiro.



- 
- 
- 
- 
- Não, nunca – respondeu ele, sem piscar os olhos.
- Pergunta a ele se conhece alguém aqui – disse Balder. – Não preciso nem dizer que já sei a resposta!
- Você conhece alguém aqui? – perguntou Têmis.
- Não, não – assegurou o rapaz. – Vim só tirar uns dias de férias mesmo.
- Mas por que a Inglaterra? – indagou Têmis.
- Por que não escolheu outro país? Por exemplo, um cuja língua você falasse?
- Ah, porque aqui é legal e é meu sonho desde criança – respondeu ele. – Sempre sonhei em ver o relógio e a casa da rainha e também aquela rua que os caras do Beatles atravessaram.
- Manda esse sujeito se sentar, por favor – disse Balder. – Com o tempo, você vai ver que o visitante que não está dizendo a verdade se enquadra geralmente nesse perfil. Para começar, o indivíduo não sabe nada sobre o destino. Se é o sonho dele desde criança, poderíamos esperar que, no mínimo, ele soubesse que o relógio se chama Big Ben, a casa da rainha não é uma casa e se chama Buckingham Palace e a rua da porra dos Beatles se chama Abbey Road.
- Calma, Balder – pediu Têmis tentando apaziguar a situação. – Isso não faz dele um



mentiroso, não é? Você não deu a ele nem uma chance de se defender.

- Têmis, infelizmente, você ainda se decepcionará muito com o ser humano – afirmou Balder. – O mundo da perfeição que você conhece, na realidade, não existe. Depois que comecei a trabalhar aqui desconfio até da minha própria sombra. Você começará a entender isso até o final deste plantão, pelo menos eu espero! Verá que existirá uma Têmis antes e outra depois do serviço de imigração. Agora, sem delongas, vamos ao dever. Venha comigo que vou lhe mostrar uma coisa.

Os dois oficiais deixaram o passageiro na área de espera reservada, também conhecida por eles como “frigideira”, enquanto faziam averiguações.

- Vamos dar um telefonema – sugeriu Balder.
— Para quem? – perguntou Têmis. – Para o Palácio de Buckingham? – completou com um tom irônico.
— Engraçadinha – disse Balder. – Não, para uma pessoa muito mais interessante.

Balder colocou a ligação no viva-voz para que Têmis pudesse acompanhar a conversa. Depois de alguns toques, uma mulher atendeu:

- Alô, mesa de assistência ao cliente, em que posso ajudar? – disse ela.



- Sou o oficial Balder e ligo da imigração. Você poderia colocar um anúncio no alto-falante para mim, por favor? – pediu o mentor.
- Claro – respondeu a senhora. – O que devo dizer?
- Por favor, pergunte se há alguém esperando pelo passageiro Felipe da Silva, vindo no voo PP8084 de São Paulo – pediu Balder à recepcionista. – E se alguém aparecer por aí, por favor, me avise que irei até você.
- Está bem, Sr. Balder.

Enquanto aguardavam pelo telefonema da mesa de assistência, os oficiais imprimiram todas as informações do histórico do passageiro, incluindo uma cópia do formulário de solicitação do visto de estudante que havia sido recusado e o motivo da recusa. O passageiro não fazia a menor ideia dos bastidores de toda a operação que transcorria, enquanto aguardava por essas verificações de segurança sentado na área reservada com outros que também “fritavam”. “Era como se fosse a preparação de uma peça teatral”, pensou Têmis: “Script, figurino, cenário, mas o futuro de uma pessoa dependia daquela produção no *backstage*”.

Durante a espera, Têmis se viu pensando no tempo em que almejava estar naquela posição. Recém-chegada ao Reino Unido, lá estava diante de uma fila interminável no caixa de um restaurante





de uma rede de *fast-food*. Não conhecia a moeda, a cultura, as pessoas, mas sabia que um dia estaria trabalhando no outro lado da rua. Sim, lá ficava o quartel-general do Ministério do Interior, bem em frente ao shopping onde trabalhava. Seu coração batia mais rápido toda vez que via um funcionário na fila com aquele crachá que mostrava o símbolo da Coroa Britânica. Gostaria também de, um dia, usar aquele crachá e, quiçá, trabalhar no aeroporto.

— Têmis, antes de fecharmos o restaurante, quero esses armários de metal brilhando – ordenou o gerente. – Quero que você veja sua cara branca refletindo nas portas.

Sete anos depois, aquelas palavras ainda lhe consumiam o ser. Sabia que o início não tinha sido fácil, mas aquela era a história de mais uma imigrante em terras distantes. Quando comentara com uma outra funcionária que um dia também usaria aquele crachá, foi ridicularizada e ouviu que imigrantes não chegavam àquelas posições no governo, pois eram simplesmente meros imigrantes. Esses pensamentos entristeceram-na momentaneamente, mas logo se lembrou de que três anos depois daquele difícil começo, Têmis passaria em um concurso público para o mesmo departamento governamental. Seria ainda convocada a apresentar-se bem ali, do outro lado da rua, no prédio que um dia tinha sido um oásis em sua imaginação.



No primeiro dia de trabalho no Ministério do Interior britânico, também conhecido por Home Office, achou que era apenas o local para seu treinamento. O gerente pediu que se dirigisse à sala de segurança para tirar a foto do seu crachá. Colocar aquele passe pendurado no pescoço trouxe a Têmis um sentimento animador e a certeza de que a justiça havia sido feita. Ainda trabalharia ali, naquele oásis, por mais quatro anos até chegar àquele momento em que se encontrava rememorando, no aeroporto. Naquele novo primeiro dia de trabalho, na hora do almoço, atravessou a rua e foi ao shopping. Passou em frente ao seu antigo local de trabalho e lá dentro pôde observar que tudo parecia como antes: as mesmas funcionárias que não acreditaram em seu potencial e o gerente que a tinha discriminado. Era como se o tempo para eles não tivesse passado.

Têmis teve um sobressalto com a mensagem que tocava no alto-falante:

— *Oficial Balder, por favor, dirija-se ao aquário, uma ligação o aguarda – dizia uma voz no alto-falante interno.*

Têmis lançou um olhar duvidoso para Balder, não acreditando que pudesse ser alguém da mesa de assistência ao cliente do lado de fora do terminal.

— *Sim, aqui é Balder – disse o oficial. – A namorada do Felipe? Estamos a caminho.*





— Vamos, vamos – disse Balder a Têmis, apressadamente, já pegando seu caderninho de entrevista e uma caneta sem tampa. – Guarde seu carimbo pessoal em seu armário. Não podemos passar com ele pela segurança para o outro lado do terminal.

Depois de saírem e, enfim, descerem para o primeiro andar pelas escadas rolantes, chegaram à mesa de assistência, onde uma jovem os aguardava.

— Bom dia. Somos da imigração e gostaríamos de saber se você está esperando por alguém – disparou Balder à mocinha, que aguardava do lado de fora.

— Sim, claro – respondeu ela. – Meu namorado se chama Felipe e está vindo para ficar uns seis meses comigo no Reino Unido. Eu estou estudando aqui, sabe, mas ele não conseguiu tirar o visto. Está tudo bem com ele?

— Está tudo ótimo com o Felipe – respondeu Balder. – São apenas umas perguntinhas de praxe – disse olhando para Têmis e anotando cada detalhe em seu caderninho. – Seu namorado sabe que você está aqui no aeroporto à espera dele?

— Sabe, sim – disse a menina.

— Felipe trabalha no Brasil?

— Não, ele está desempregado no momento, mas o pai dele ajuda de vez em quando.



- E como seu namorado pretende se manter aqui por seis meses? Afinal, é um longo período.
- Ele vai apenas me fazer companhia mesmo – respondeu a namorada de Felipe.
- Muito obrigada pela ajuda. Entraremos em contato caso precisemos de mais informações.

Aquele quebra-cabeças começava a ser montado, mas muitas peças ainda não haviam se juntado. Balder, todavia, não parecia ter dúvidas sobre o desfecho do caso. Ele se comportava como se já soubesse toda a história daquele rapaz. “Talvez seja sorte. Sim, era isso. Como era possível alguém olhar para um passageiro à distância e saber daquilo tudo?”

Voltando ao terminal, após terem ficado numa fila infernal atrás da tripulação da Air India, Balder e Têmis se dirigiram à área de chegada de passageiros e tiraram Felipe da frigideira.

- Só para desengargo de consciência, posso perguntar novamente ao passageiro o que ele veio fazer aqui? – questionou Têmis, ainda não aceitando o veredito daquele rapaz.
- Pergunte o que achar necessário, você é a oficial responsável por esse processo – disse Balder, encorajando Têmis. – Quando adquirir experiência nesse trabalho, verá que duas ou três perguntas geralmente serão suficientes para saber que tipo de passageiro está à sua frente.





- Está bem – disse Têmis, não muito convencida.
- Felipe, por favor, me diga novamente o motivo de sua visita ao Reino Unido.
- Turismo, vim ficar por umas duas semanas aqui para conhecer – confirmou o rapaz.
- Você tem passagem de volta para o Brasil?
- perguntou Têmis.
- Sim, tenho – disse Felipe tirando um papel amassado do bolso da calça jeans.
- E onde você vai ficar hospedado? – indagou a oficial.
- Em um albergue, mas só paguei a estadia por umas noites – disse o passageiro tentando convencer Têmis. – No caso de eu desejar ficar em outro lugar.
- Tá bom – disse Balder descrente. – O mesmo blá-blá-blá de sempre. Têmis, por favor, explique ao passageiro que, a partir de agora, ele está detido e que confiscaremos seu passaporte e bagagem para averiguações. Preencha o documento IS81⁶ que explica os parágrafos da lei que conferem esses poderes aos oficiais de imigração. Antes de o conduzirmos à detenção, entretanto, diga-lhe que precisamos olhar a bagagem dele.
- Felipe, precisaremos esclarecer mais dúvidas a respeito de sua vinda ao Reino Unido – explicou

⁶ Autorização para a detenção de passageiros para averiguações.

a novata. – Para isso, solicitaremos que aguarde em nossa sala de espera interna onde ficará mais confortável e poderá beber e comer alguma coisa. Antes disso, entretanto, precisaremos pegar sua bagagem. Quantas malas você trouxe?

— Duas – disse ele.

— Duas malas para passar duas semanas? – perguntou Têmis, achando estranho.

— Sim, não sei se está frio ou não, então, achei melhor trazer mais roupas caso precisasse – respondeu Felipe.

Os dois conduziram Felipe ao hall de bagagens, onde as malas do passageiro já circulavam sozinhas na esteira. Os demais ocupantes daquele voo já haviam passado pelo controle de imigração e recolhido seus pertences. A calma de antes voltava ao terminal, pelo menos até a chegada do próximo voo. O rapaz, entretanto, já deixava transparecer um certo desconforto por estar ali há tanto tempo.

Ao abrirem as malas, Têmis e Balder se surpreenderam com a quantidade de chocolate e presentes embrulhados que estavam enfiados nos longos bolsos da bagagem.

— Por questões de segurança, precisaremos abrir esses pacotes – explicou Têmis. – Por que traz presentes se não conhece ninguém aqui? – indagou.





- Humm... É... então – disse um confuso Felipe.
- Talvez eu encontre uma prima que mora na Europa – confessou, após uma longa hesitação.
- Sei – disseram os oficiais se entreolhando.

Após voltarem ao segundo andar do terminal, conduziram o passageiro à detenção ou, como Têmis preferia dizer, à “sala de espera”. Lá, os assistentes dos oficiais de imigração tirariam as impressões digitais e a foto dele. A biometria seria, então, inserida em uma base de dados que faria uma busca por todos os sistemas da imigração britânica no mundo. Seriam detectadas ali todas as informações acerca de possíveis adversidades no histórico daquele passageiro. Esses dados seriam coletados de todos os portos de entrada britânicos ou de departamentos de solicitação de visto em qualquer localidade do globo. Enquanto o processo de identificação estava em andamento, os dois oficiais se preparavam para entrevistar o passageiro. Já haviam passado os pormenores da situação ao chefe de imigração de plantão e terminado de colocar os dados de Felipe no sistema. Também tinham preparado o arquivo dele com todas as informações que haviam juntado até aquele momento, desde a chegada do passageiro, a entrevista inicial, achados na bagagem e observações feitas, até os dados da entrevista com Maria, a namorada dele.



O procedimento padrão é o próprio oficial conversar diretamente na língua do passageiro. Isso somente é permitido se o oficial, como é o seu caso, Têmis, tiver a autorização e o reconhecimento linguístico dado pelo departamento de fronteiras – explicou Balder. – Entretanto, para facilitar a conversa entre todas as partes, utilizaremos um intérprete para que você não precise traduzir tudo para mim e fazer as anotações do caso ao mesmo tempo.

— Está bem, Balder – concordou Têmis.

Naquele momento, chegaram à sala de entrevistas da detenção, onde o passageiro já aguardava por eles. Era uma sala de tamanho médio. Têmis observou que havia uma máquina de refrigerantes e uma outra com aperitivos; havia também um telefone público e uma televisão, e, ao fundo, três salas de entrevista. Do lado de fora, dois guardas faziam a segurança do local. Eles eram responsáveis por tomar conta da segurança e, além disso, dar assistência aos passageiros. Registravam a hora de entrada e saída de todos, inclusive dos oficiais, e ofereciam refeições aquecidas no micro-ondas aos detentos que desejassem almoçar ou jantar ali na “salinha de espera”. Logo adiante, havia uma outra sala onde todas as malas dos passageiros que estavam detidos ficavam guardadas. Balder pediu que um dos



seguranças abrisse a porta para que Têmis observasse lá dentro.

- Aqui parece que as bagagens têm vida – brincou Balder.
- Como assim? – indagou Têmis.

Ao abrirem a porta, uma sinfonia de toques de aparelhos celulares os recepcionou. Certamente, eram ligações recebidas de parentes, amigos, namorados e patrocinadores que estavam do lado de fora e desejavam saber notícias. Aqueles que entravam em contato com a imigração recebiam o número do telefone público da salinha de espera e poderiam, somente assim, contatar seus entes queridos. Muitas vezes, longas horas se passavam até que esse contato se estabelecesse. Isso acabava por ajudar o trabalho dos agentes, que preferiam que seus passageiros falassem com aqueles que os esperavam apenas após a entrevista formal. O teste de credibilidade era fundamental para o trabalho de investigação dos oficiais, que comparavam as respostas dadas pelas partes envolvidas.

- Mas por que eles não podem ficar com seus telefones? – perguntou Têmis ingenuamente.
- A não ser que você queira seu rosto e identidade estampados ao vivo no Facebook ou no YouTube, não acho que seja uma boa ideia permitirmos *smartphones* lá dentro – disse Balder





dando uma gargalhada. – Permitimos que fiquem apenas com telefones que não possuam câmera. Todos os passageiros são revistados antes que entrem na detenção. Para verificarmos não apenas se carregam telefones, mas também se não esconderam nenhum objeto pontiagudo que poderia ser usado como arma contra um de nós.

— Nossa! – exclamou Têmis. – Não tinha pensado nessa possibilidade. Até as canetas Bic eram amarradas à mesa e suas tampas removidas. Têmis entendeu o porquê de Balder sempre andar com suas canetas sem tampa. As mesas e cadeiras eram grudadas no chão e ao redor das salas de entrevista alarmes e circuito de TV interno tinham sido instalados para a segurança de todos. Balder contara a Têmis que certa vez um passageiro havia enfiado uma caneta na mão de um oficial.

— Felipe, por favor, nos acompanhe até a sala de entrevista – chamou Têmis. – Você se sente bem? Entende o intérprete? – indagou.

— Sim – respondeu o passageiro.

— Qual o motivo de sua viagem ao Reino Unido? – inquiriu Têmis.

— Eu já disse a você várias vezes! – respondeu ele, impaciente.



- Gostaria de perguntar novamente – insistiu Têmis. – Estamos entrevistando você formalmente. Tudo o que disser aqui será registrado em seu arquivo. Ao final da entrevista, faremos uma recomendação ao nosso chefe de imigração acerca da permissão ou da recusa de sua entrada. Gostaria de frisar que é crime mentir para um oficial de imigração. Fui clara?
- Sim – disse Felipe, agora mais comedido.
- Como eu ia dizendo, qual o motivo de sua visita ao Reino Unido? – Têmis repetiu a pergunta.
- Turismo.
- Quanto tempo pretende ficar aqui? – perguntou Têmis, enquanto anotava todas as perguntas e respostas na ficha dele.
- Duas semanas.
- Você conhece alguém que esteja presente no Reino Unido, seja britânico, seja cidadão de qualquer outro país?
- Não, ninguém – disse ele. – Vim sozinho e ficarei sozinho.
- E como você explica os presentes e chocolates que estão em sua mala?
- Como falei, são para minha amiga que mora na Europa e talvez venha me encontrar aqui.
- Amiga?! – admirou-se Têmis. – Enquanto estávamos olhando sua bagagem, você disse que



tinha uma prima na Europa. Ela é sua prima ou sua amiga?

— Ah, na verdade, é amiga, mas nos consideramos primos, pois crescemos juntos.

— Você já fez algum tipo de solicitação de visto para o Reino Unido ou qualquer país no mundo?

— Não – retrucou ele, enfaticamente.

— Tem certeza? – insistiu Têmis. – Você está categoricamente me dizendo que NUNCA fez um pedido de visto para o Reino Unido?

Têmis começou a concordar com Balder. Uma mistura de sentimentos lhe invadiu o corpo. Diante dela ali estava um ser humano como ela, vindo do mesmo país e mentindo de uma forma quase convincente. “Como pode uma pessoa mentir assim, descaradamente, sem pestanejar, e o pior, sem sentir o menor arrependimento?”, pensou Têmis. E ela, até aquele momento, acreditava que em algum ponto Felipe admitiria toda a história, que ele estava de fato vindo aqui para se encontrar com sua namorada que passaria aquele ano no Reino Unido como estudante.

— Então, resumindo, você está vindo para o Reino Unido, pela primeira vez no exterior, não conhece ninguém aqui, veio passar duas semanas para ver a casa da rainha, o relógio e a rua dos Beatles, é isso? - concluiu Têmis.



Antes que Felipe pudesse esboçar qualquer resposta fabricada, Têmis abriu o arquivo abruptamente e mostrou a ele as cópias do pedido de visto que fizera no Rio de Janeiro há menos de um mês. Mostrou também uma cópia de seu passaporte anterior e uma cópia do visto de sua namorada, Maria, que o esperava do lado de fora.

— E quem é Maria? – perguntou Têmis furiosamente. – E esse passaporte aqui? É seu sócia? E esse pedido de visto de estudante com sua assinatura, também não é seu? Olha, Felipe, desde o início eu defendi você, achei que me falaria a verdade quando viéssemos para a entrevista. Você é uma grande decepção.

— Bravo, Têmis – disse Balder orgulhosamente. – Acho que estamos diante da mais nova oficial de imigração do terminal. Desculpe-me se foi doloroso para você, mas, como ele, outros milhares virão.

— Eu não sabia que precisava falar que minha namorada estava aqui – explicou o passageiro.

– Desculpe-me se não falei a verdade.

— Felipe, infelizmente sua entrada será recusada nesta ocasião – concluiu Têmis. – Como havia explicado no início de nossa entrevista, mentir para um oficial de imigração é crime. Além de sua entrada ser recusada, você será banido de



visitar o Reino Unido pelos próximos dez anos. Não se preocupe, avisaremos a Maria de nossa decisão. Informarei a ela nosso número de contato interno para que ela possa ligar para você, caso deseje.

- Você pode entregar os presentes que eu trouxe à minha namorada? – pediu o passageiro.
- Infelizmente, por motivos de segurança, isso não é permitido – explicou Têmis. – Faremos os ajustes necessários com relação à sua passagem de volta e você retornará ao Brasil no próximo voo disponível. Após conversarmos com nosso chefe de imigração, entraremos em contato. Se entendeu tudo, por favor, assine aqui, no final das anotações de sua entrevista. Até mais tarde.

Têmis e Balder saíram da sala a fim de cuidar de toda a papelada burocrática para removerem o passageiro. Passaram o resumo da entrevista ao chefe de plantão, depois ligaram para a companhia aérea para informar que um passageiro recusado retornaria no voo daquela noite ao Brasil. Mesmo que o voo estivesse lotado, um passageiro recusado tinha sempre prioridade e a companhia precisaria tirar um cliente pagante para levar o detento. Muitas vezes isso causava um certo mal-estar entre os funcionários da companhia aérea e os oficiais de imigração.



Entretanto, eram obrigados por lei a levar o passageiro. Esse era o principal motivo pelo qual as companhias aéreas exigiam que passageiros tivessem bilhetes de ida e volta, salvo se possuísem um visto válido de entrada para o Reino Unido.

Já em seu vestiário, Têmis retirou as insígnias do uniforme e as colocou em seu armário, junto a seu carimbo pessoal. Seu primeiro turno chegava ao fim e, embora ciente de que tinha cumprido seu dever, não deixava de pensar um pouco em Maria, que agora, sozinha, retornava para casa. Felipe, em contrapartida, estava a caminho do Brasil, tendo conhecido apenas o aeroporto de Londres, e voltaria à mesma vida de sempre e com apenas uma certeza: nem tão cedo poderia visitar a casa da rainha, o relógio e a rua dos Beatles.



